REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL • ANO 9 | Nº 100 | JANEIRO 2014

REVISTA DE História DA BIBLIOTECA NACIONAL

EDIÇÃO ESPECIAL nº 100

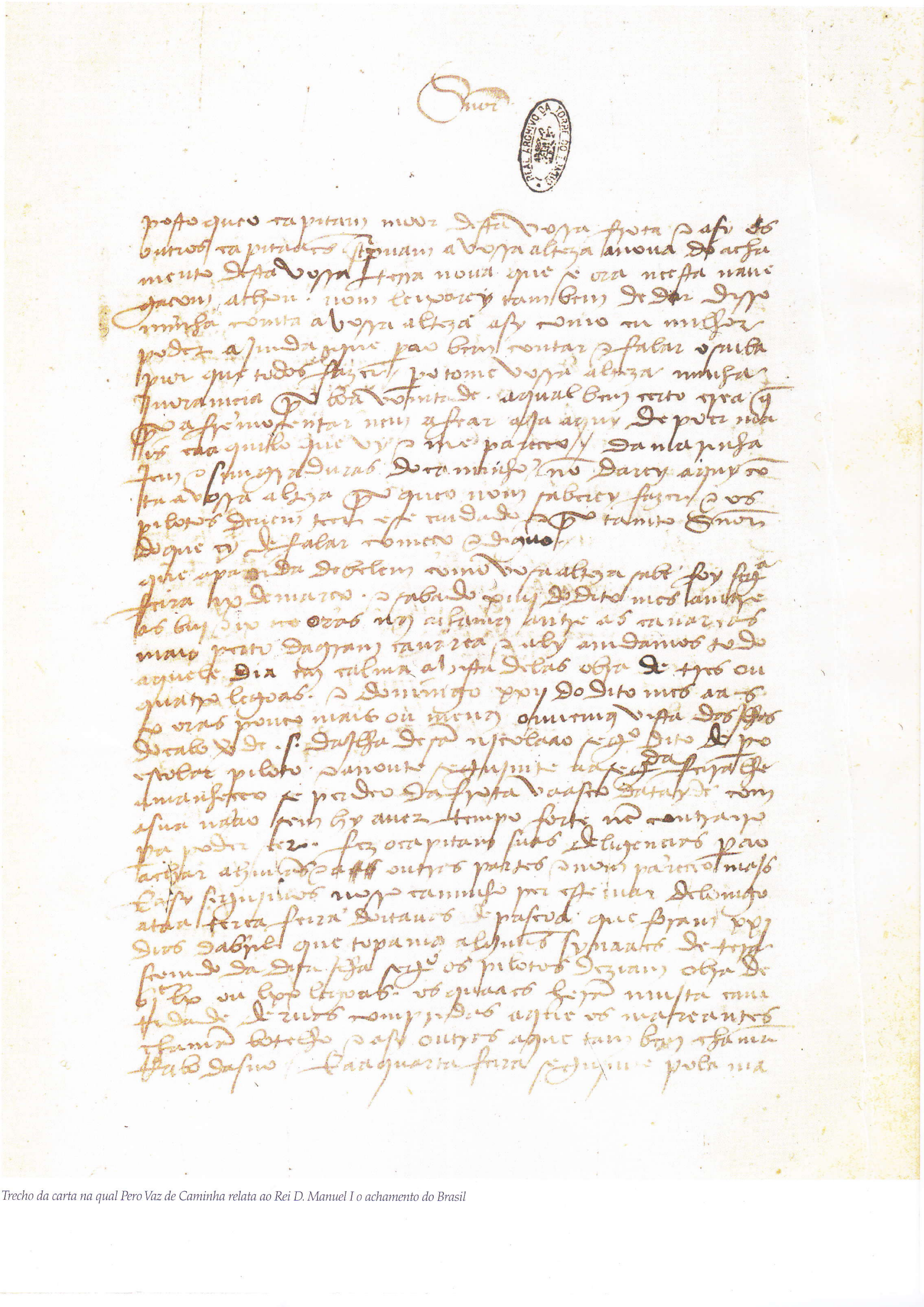
Nós, o povo

Cem páginas sob uma perspectiva incomum da formação nacional

ANO 9 | Nº 100 | JANEIRO 2014

ISSN 1808-4001

9 771808 400002 09100



Trecho da carta na qual Pero Vaz de Caminha relata ao Rei D. Manuel I o achamento do Brasil

Senhor,

posto que o capitão-mor desta vossa frota e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que para o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer. Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual, bem certo, creia que por afremosentar nem afear haja aqui de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer e os pilotos devem ter esse cuidado. E, portanto, Senhor, do que hei-de falar começo e digo (...)

A história recolhida na fonte

Apoio

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SABIN - SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

REVISTA DE História DA BIBLIOTECA NACIONAL
Sempre uma boa história.

Realização

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

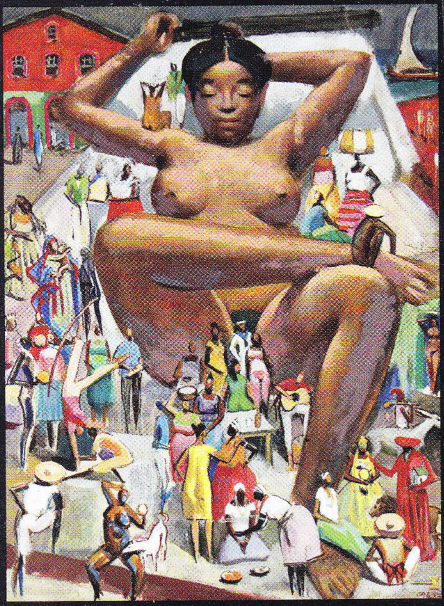
A imagem da capa

MARCELO CAMPOS

O povo é uma das maiores invenções do século XX. Nas sociedades coloniais, este conceito veio substituir, e muitas vezes dignificar, os traumas da escravidão. Ao mesmo tempo, a burguesia ascendente precisava criar sua interpretação, fazendo desta coletividade uma suposta categoria com desejos próprios, anseios, lutas. Fatos que ora se destinavam à conquista de direitos, ora se deflagravam como margem de manobra para os governos populistas e, por fim, para o consumo. De outro modo, aprendemos que o povo se fez cultura, folclore, arte.

Mulata grande, pintura produzida pelo argentino Carybé, naturalizado brasileiro, ou melhor, baiano, teve mais de uma versão. Em todas Carybé seguia uma narração, destacando os fatos corriqueiros como adventos do memorável. Na versão de 1980, capa desta edição comemorativa, o que importa é o povo, tal qual afirmava Jorge Amado. Vemos a mulata, conceito importante para o elogio da mestiçagem dos anos 1930, ladeada e invadida por orixás, santos católicos, marinheiros, prostitutas, capoeiristas, mercadores. A mulata agiganta-se sestrosa, na pintura, ajeita o coque do cabelo, esbanja charme e malemolência.

Carybé orgulhava-se de nunca ter pintado um automóvel, focando sua criação em narrativas épicas sobre o povo brasileiro, ou em micronarrativas que destacavam a vida nos bordéis, a feira-livre, o candomblé. *Mulata grande* reúne tais narrativas. Perto do sexo da mulata, um marinheiro conversando com prostitutas do cais; ao lado das ancas, Nossa Senhora, com manto azul *abarrocado*, carrega um menino, caminhando pelas ruas da Bahia; nos pés da mulata, uma suposta cerimônia de candomblé, com oferendas dispostas no chão; ao fundo, um casario colonial numa cidade praieira, com jangadas à vela.



Mulata Grande
Óleo sobre tela de Carybé
Sem data
60x45cm
Coleção Particular / © Carybé
Reprodução fotográfica Adenor Gondim

Carybé exerceu sua pintura como um cronista. Observava aqueles com os quais tinha intimidade cotidiana. Gostava de dizer que, quando chegou ao Brasil, só conhecia gente do povo. Porém, depois, a Bahia pintada pelo artista se oficializou. Sua arte guardava referências para o lugar e, hoje, suas pinturas tornaram-se documentos históricos. O lugar, em outra medida, assumiu tais traços como identitários, fazendo da máxima de Rubem Braga uma premonição: "não sei se Carybé imita a Bahia ou se a Bahia imita Carybé".

Ao mesmo tempo, na produção de um modernismo de longa duração, nos perguntamos, como lidar com características típicas? Como substituir o vivido pelo escrito, pela narração? Deste modo, nos deparamos com resquícios colonialistas do "estereótipo". E o conceito de "povo" é usado, muitas vezes, com este propósito. O estereótipo, nos diz o crítico indiano Homi Bhabha, "é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre 'no lugar', já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido".

O povo, na pintura de Carybé, é esta ansiedade repetida, caracterizada, elogiada, glorificada, abençoada, como vemos próximo à assinatura da pintura, pelo machado de Xangô.

MARCELO CAMPOS É PROFESSOR DO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

CARTA DA EDITORA

"A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil". A exaltação à língua errada-certa do povo está em "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, uma autoridade da língua portuguesa. Ele dominava como poucos, na escrita, o jeito brasileiro de falar. Mas o que o povo, esse linguarudo, tanto fala? Muitas vezes é o que não está nos livros.

Hoje, como afirma Marcus Carvalho no artigo que inaugura esta edição, estuda-se tudo em história. "Estudamos da sexualidade ao cotidiano. Da cozinha da casa-grande à vida de trabalhadores portuários. De prostitutas a frades", escreve o historiador. E esses estudos ultrapassam os marcos institucionais que, nos livros didáticos, normalmente dividem a disciplina em períodos determinados pela gente do poder. O peso institucional costuma ser tão grande que é mais valorizado que a noção de tempo. Não se estudam os séculos XVIII e XIX, e sim Colônia e Império. O recorte político, portanto, se sobrepõe ao que está na boca do povo.

Desde que a Revista de História é Revista de História, publicamos artigos que contemplam uma visão menos institucional, já que há uma produção intensa nesta linha na academia. Quando começamos a nos aproximar da produção da edição de número 100, o tema a ser escolhido se desdobrou em uma série de reuniões e ideias com esta mesma visão. E concluímos que esta edição comemorativa deveria ser feita sobre o que mais nos motiva a fazer a revista: o pé no chão.

Por isso, organizamos este número de forma quase cronológica. "Quase" porque muitos assuntos são transversais a diversos períodos. Como reduzir nosso prato mais popular, o feijão com arroz, a um século ou a uma fase política? Não tem jeito, ele ultrapassa regimes e até mesmo o tempo, desconcertando cronologias lineares. O mesmo acontece com nossas festas populares, as produções musicais e o futebol.

Por outro lado, quando buscamos as origens e as influências da formação do Brasil, chegamos muito antes de ele existir. Mais precisamente, há mais de 10 mil anos, quando homens e mulheres com antepassados asiáticos já ocupavam parte do território que veio a se chamar Brasil, no Pantanal. Em cada período, há também personagens que se sobressaíram em seu tempo e depois foram praticamente esquecidos. O rei Gana Zumba, do Quilombo de Palmares, é um deles. Outros até são conhecidos como nomes de ruas, mas dos quais pouco se sabe, como é o caso de Maria Quitéria. E o estudante Edson Luís, morto a tiro pela polícia da ditadura civil-militar? Normalmente se passa pelo seu nome para se falar daquele momento político. Aqui ele também tem sobrenome, foto, documento de identificação e um contexto histórico.

Há ainda artigos que nos fazem reconhecer mais facilmente nosso dia a dia. No momento da produção desta edição, o bairro carioca da Pavuna estava inundado pela chuva. E não é que o artigo sobre as origens indígenas em nossa língua "adivinhou" esta tragédia? O texto é claro: pavuna significa lugar atoladiço. Os índios já sabiam disso, muito antes do prefeito...

Esta edição também é o momento de celebrar mais um ano de chegada às escolas públicas de todo o país por meio do convênio com o Ministério da Educação/ Fundo Nacional de Desenvolvimento para a Educação.

É a tentativa de levar um pouco da boca do povo para cada vez mais leitores.

Boa leitura e um ótimo 2014!

— VIVI FERNANDES DE LIMA
(INTERINA)

REVISTA DE História DA BIBLIOTECA NACIONAL

REVISTA DE HISTÓRIA
Rua Uruguaiana, 13 / 11º andar
CEP 20050-093
Rio de Janeiro - RJ
Telefone/fax: (21) 2220-4300/2507-3895
www.revistadehistoria.com.br
revistadehistoria@revistadehistoria.com.br

SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL – SABIN
Av. Graça Aranha 145/707 - Centro/RJ
CEP: 20030-003 / tel: 2262-9146

Revista mensal editada pela Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional

SABIN - SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

REVISTA DE
História
DA BIBLIOTECA NACIONAL

nº
100

A história continua na internet: textos da RHBN estão disponíveis de graça na web

Apoio

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SABIN - SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

REVISTA DE História DA BIBLIOTECA NACIONAL
Sempre uma boa história.

Realização

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

U.M.E.
Santos / SP
Lourdes Ortiz

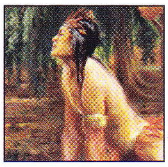
ANO 9 | Nº 100 | JANEIRO 2014

ESPECIAL NÚMERO 100

Pré-História – 1648

12 **Quem é o Brasil?**
Por Marcus J. M. de Carvalho
Nascida em 1823, a "nação" se perguntava se tinha realmente um povo, esquecendo-se que ele já existia

21 **Dez mil anos atrás**
Por Jorge Eremites de Oliveira
Grupo humano encontrou na alagadiça planície do Pantanal condições favoráveis à sua reprodução física e sociocultural

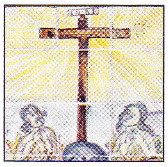


26 **Eram os europeus deuses?**
Por Eunícia Fernandes
Índios queriam garantir uma proximidade com os portugueses que, pela origem, reforçavam mitos ancestrais

30 **Guerreiro de primeira hora**
Por Ronaldo Pelli
Educado por jesuítas, Filipe Camarão se uniu aos portugueses para expulsar holandeses do Nordeste

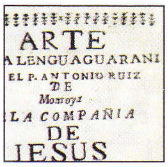
1630 – 1800

31 **Valeu, Zumbi**
Por Laura Perazza Mendes Nascimento
O Quilombo de Palmares já era uma organização complexa antes do seu mais famoso líder



35 **Miscigenação na fé**
Por Ronaldo Vainfas
Apesar de o catolicismo ser a religião oficial no Brasil Colônia, não é possível traçar limites para a religiosidade no período

40 **A moral e os maus costumes**
Por Luiz Mott
A Igreja Católica reprimiu hábitos sexuais mais libertários das três matrizes culturais que construíram o Brasil



44 **Herança na ponta da língua**
Por José R. Bessa Freire
Quando indígenas começaram a falar o português, deixaram no novo idioma marcas que duram até hoje

REVISTA DE
História
DA BIBLIOTECA NACIONAL

1800 – 1900

47 **Lar, doce, difícil e distante lar**
Por Joice Santos
O longo e custoso esforço de africanos e descendentes para fazerem a travessia para a África

48 **Folia de reis, plebeus e escravos**
Por Martha Abreu
Celebrações como jongo, maracatus e cocos reafirmam a herança africana no nosso cotidiano

52 **Soldado de saiotes**
Por Ronaldo Pelli
Lutando pela independência do Brasil, Maria Quitéria desafiou não só os portugueses, mas também estereótipos

1800 – 1900

53 **Nação hospitaleira?**
Por Alexandre Belmonte
Antes da onda de imigração do fim do XIX, estrangeiros que chegavam ao país sofriam para se adaptar ao novo país

57 **Prato feito**
Por Fabiano Dalla Bona
De origens tão diferentes, o feijão se encontrou com o arroz no Brasil para, juntos, se tornarem o símbolo da nossa culinária

61 **Sob a inspiração de Mozart**
Por Marcello Scarrone
Sob as bênçãos de D. João, padre José Mauricio Nunes deixou uma longa lista de composições musicais

62 **Caldo sonoro**
Por Luiz Costa-Lima Neto
Combinação de origens, estilos e expressões artísticas no Império explica nossa singular produção musical

ANO 9 | Nº 100 | JANEIRO 2014

1800 – 1950

65 **Repugnância à opressão**
Por Alice Melo
Mesmo sendo escrava, Caetana recorreu à Justiça para provar que tinha direito ao seu próprio corpo

66 **Sonho de liberdade**
Por Ligia Fonseca Ferreira
Ex-escravo, o escritor Luiz Gama se tornou abolicionista e republicano para garantir igualdade entre os homens

69 **No coração da pequena África**
Por Juliana Barreto Farias
Grande referência espiritual no Rio do início do século XX, Assumano Mina do Brasil era chamado de príncipe dos alufás

70 **O meio e a mensagem**
Por Beliza Áurea de Arruda Mello
Literatura de cordel e xilogravura têm origens diferentes, mas se uniram e se popularizaram como expressão artística

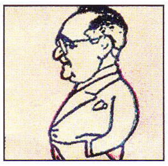
1893 – 1930

73 **Mudar para continuar a mesma**
Por Mario Grynszpan
Mesmo mais urbana que rural, a sociedade brasileira continua concentrando suas terras nas mãos de poucas pessoas

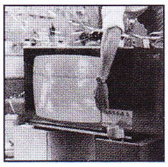
77 **Memória operária**
Por Gabriela Nogueira Cunha e Janine Justen
Um dos anarquistas mais atuantes do século XX, Edgard Leuenroth lutou contra a exploração dos trabalhadores

78 **Antes da era Vargas**
Por Paulo Cruz Terra
Primeiros direitos trabalhistas foram criados após greves e reivindicações, no início da República

1930 – 1985

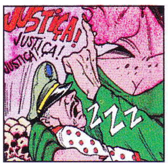


81 **Destinatário: presidente**
Por Ana Paula Vosne Martins
Cartas enviadas a Vargas expunham dificuldades de toda ordem por que passava a população



84 **Quem não se comunica...**
Por Marialva Carlos Barbosa
Utilizados por políticos, mas também como fonte de informação e entretenimento, rádios e TVs viraram um fenômeno no Brasil

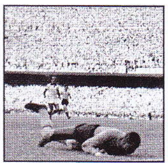
87 **Estudante expiatório**
Por Alice Melo
Morte de Edson Luís em 1968 foi estopim para grandes manifestações contra o regime militar. Mas a repressão aumentou também



89 **Silêncio forçado**
Por Karina Borges Diaz Nery de Souza
Práticas violentas da ditadura civil-militar afetaram também os filhos dos desaparecidos políticos

1950 – ...

92 **Brega como substantivo**
Por Paulo César de Araújo
Apesar de ser associada à alienação, a chamada música cafona também combateu o moralismo pós-golpe de 1964



95 **Em ano de copa no Brasil...**
Por Bernardo Buarque de Hollanda
O país pentacampeão mundial de futebol ainda carrega o trauma da derrota de 1950 para o Uruguai

98 **A hora e a vez do povo**
Por Rodrigo Elias
O passado de um país não pode ser contado apenas pela trajetória dos grandes homens